

FORMAÇÃO MILITAR: REFLEXÕES SOBRE A ABORDAGEM DA INTELIGÊNCIA CULTURAL

Alessandra Veríssimo Lima Santos*
Marta Maria Telles**

RESUMO

Este artigo pretende trazer à reflexão a importância da abordagem da Inteligência Cultural na formação dos militares das Forças Armadas brasileiras, diante do mundo moderno e em constante evolução, em que os efeitos da globalização expõem cada vez mais as pessoas ao contato e ao relacionamento com culturas distintas, estando essa comunicação sujeita a impactos positivos ou negativos. Assim, para interagir de maneira eficiente com indivíduos de culturas distintas, são requeridos aprendizado e treinamento. Diante dessa conjuntura, a Inteligência Cultural reveste-se de grande importância em todos os escalões envolvidos, uma vez que introduz a ideia de flexibilidade cultural, dentro da perspectiva defendida por Thomas e Inkson (2006), que concebem o desenvolvimento de habilidades que capacitem um indivíduo a lidar com realidades diversas. Como resultado da importância do exercício de tais habilidades, vem crescendo o treinamento de competências multiculturais nas academias militares. Portanto, recorre-se aos estudos sobre o currículo para refletir sobre o que se espera, hoje, da formação dos militares, entendendo a Inteligência Cultural não como uma disciplina a ser incluída nos currículos de formação, mas como um referencial para o desenvolvimento das habilidades interculturais.

Palavras-chave: Inteligência Cultural. Formação Militar. Currículo.

MILITARY TRAINING: REFLECTIONS ON THE APPROACH TO CULTURAL INTELLIGENCE

ABSTRACT

This article intends to bring to reflection the importance of the approach of cultural intelligence in the Brazilian Armed Forces military formation due to modern and ever-evolving world where the effects of globalization increasingly expose people to contact and relationships with distinct cultures, and this communication is

* Graduada em Pedagogia, pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), pós-graduada em Psicopedagogia, pela Universidade Cândido Mendes (UCAM), e aluna do curso de Pós-Graduação em Planejamento, Implementação e Gestão de Ensino a Distância (EaD), pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestranda do Programa de pós-graduação em Ciências Aeroespaciais da Universidade da Força Aérea (UNIFA). Contato: <alessandravlsantos@gmail.com>.

** Mestre em Educação, pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), e Doutora em Psicologia Social, pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Atualmente, é Docente Colaboradora do Programa de Pós-graduação em Ciências Aeroespaciais da Universidade da Força Aérea (UNIFA). Contato: <tellesmartam@hotmail.com>.

subject to positive or negative impacts. Thus, in order to interact efficiently with individuals from different cultures, learning and training are required. Given this situation, cultural intelligence is of great importance in all the involved levels, since it introduces the idea of cultural flexibility, within the perspective defended by Thomas and Inkson (2006), that conceive the development of skills which enable an individual to deal with diverse realities. As a result of the importance of the exercise of such abilities, the training of multicultural competences in the military academies has grown. Therefore, curriculum studies are used to reflect on what is expected today from the training of the military, understanding cultural intelligence not as a discipline to be included in training curricula, but as a reference for the development of intercultural skills.

Keywords: Cultural Intelligence. Military Training. Curriculum.

FORMAÇÃO MILITAR: REFLEXÕES SOBRE O ENFOQUE DA INTELIGÊNCIA CULTURAL

RESUMEN

Este artículo pretende traer a la reflexión la importancia del abordaje de la Inteligencia Cultural en la formación de los militares de las Fuerzas Armadas brasileñas, frente al mundo moderno y en constante evolución, donde los efectos de la globalización exponen cada vez más a las personas al contacto y a la relación con culturas distintas, estando esta comunicación sujeta a impactos positivos o negativos. Así, para interactuar de manera eficiente con individuos de culturas distintas, se requiere aprendizaje y entrenamiento. Ante esta coyuntura, la Inteligencia Cultural se reviste de una gran importancia en todos los escalones involucrados, ya que introduce la idea de flexibilidad cultural, dentro de la perspectiva defendida por Thomas e Inkson (2006), que conciben el desarrollo de habilidades que capaciten a un individuo a lidiar con realidades diversas. Como resultado de la importancia del ejercicio de tales habilidades, viene creciendo el entrenamiento de aptitudes multiculturales en los gimnasios militares. Por lo tanto, se recurre a los estudios sobre el currículo para reflexionar sobre lo que se espera, hoy, de la formación de los militares, entendiendo la Inteligencia Cultural no como una disciplina a ser incluida en los currículos de formación, sino como un referencial para el desarrollo de las habilidades interculturales.

Palabras clave: Inteligencia Cultural; Formación Militar. Currículo.

1 INTRODUÇÃO

A globalização, entendida como fenômeno de intensificação das relações sociais e que gera impactos relacionados a questões econômicas, políticas e tecnológicas (GIDDENS, 1991), tem trazido com ela fatores que alteram as relações

micro e macro da sociedade, em todos os campos e níveis, e aumentam os conflitos intra e extramuros. Atualmente, as diferenças vêm ganhando novos contornos e aspectos culturais como, por exemplo, etnia e religião, surgem como novas fontes de conflito, demandando atenção destacada sobre o emprego da força (SANTOS, 2012). Assim, integrada ao contexto do mundo moderno, a atividade dos militares das Forças Armadas (FA) brasileiras também é afetada por esse fenômeno.

A Estratégia Nacional de Defesa (END) (BRASIL, 2013a) discorre sobre as competências dos combatentes das Forças Armadas e prevê que estes, fundamentalmente, deverão ter capacidades e habilidades para trabalhar em rede e de forma integrada às demais Forças. Devem, ainda, apresentar conhecimentos que potencializem a mobilidade, bem como os auxiliem a adequar-se ao contexto do combate, agindo com flexibilidade, surpresa, audácia e adaptabilidade. Portanto, o combatente deve ser, segundo a END (BRASIL, 2013a, p.57) “capaz de adaptar suas ordens à realidade da situação mutável em que se encontra.”

A Política Nacional de Defesa (PND) (BRASIL, 2013b) também cita a possibilidade de participação do Brasil em arranjos de defesa coletiva, na prevenção de ações terroristas, na condução de operações de contraterrorismo e na participação em operações autorizadas pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas (CSNU). Esse cenário leva à reflexão sobre a necessidade do conhecimento de diferentes culturas pelos militares, ideia que encontra fundamento nas palavras de Wunderle (2007) ao afirmar que o sucesso dessas operações advém de militares que tenham entendimento cultural, a fim de interagir com indivíduos culturalmente diferentes.

Nesse sentido, parece importante refletir sobre o estudo da Inteligência Cultural como uma habilidade de suporte à atuação no novo cenário mundial. Thomas e Inkson (2006) definem essa inteligência como a capacidade de ser hábil e flexível para assimilar uma cultura, permitindo melhor interação com pessoas daquela origem e adaptação a contextos diversos. Considerando uma abordagem multicultural, o estudo da Inteligência Cultural figura como pertinente ao contexto militar brasileiro, na medida em que as orientações constantes na PND (BRASIL, 2013b) apontam para o desempenho das tropas das Forças Armadas em ações de defesa da paz ou em auxílio a outras Nações.

Portanto, este artigo pretende trazer à reflexão a importância da abordagem da Inteligência Cultural na formação dos militares das Forças Armadas brasileiras, diante do mundo moderno e em constante evolução, onde os efeitos da globalização nas áreas econômica, política e social expõem cada vez mais as pessoas ao contato e ao relacionamento com culturas distintas, estando essa comunicação sujeita a impactos positivos ou negativos. Assim, para interagir de maneira eficiente com indivíduos de culturas diferentes são requeridos aprendizado e treinamento (SANTOS, 2012).

Calaza (2012), em artigo denominado “Inteligência Cultural: novos parâmetros na formação do Oficial ante a nova geração de conflitos”, abordou

a Inteligência Cultural e sua adoção como parâmetro para a educação militar superior. O estudo apontou a necessidade de reavaliação da formação do militar, já realizada em muitos países, para que o combate ao “novo inimigo” seja eficaz, uma vez que a configuração de guerra não é mais entre Nações e sim entre grupos organizados que se misturam à sociedade civil. Calaza (2012, p. 52) concluiu que “conhecer a cultura do inimigo ou aliado, sua história, valores e tradições, passou a ser tão importante quanto o conhecimento sobre sua capacidade e estratégia militares. ”

Nesse viés, o autor assinala para a necessidade de o líder militar estar preparado para atuar em ambientes culturalmente adversos, seja em forças de paz, alianças militares ou contra sociedades culturalmente antagônicas. Em relação ao Brasil, argumenta:

O Brasil é hoje uma potência emergente que busca maior projeção no concerto das nações. Desta forma, faz-se necessária uma visão de futuro na formação dos oficiais das Forças Armadas, para que estes estejam à altura de seus análogos internacionais, aptos a atuar nos novos cenários culturalmente complexos dos conflitos de quarta geração, engajados em coalizões e forças de paz internacionais. (CALAZA, 2012, p.51).

Concordando com Calaza (2012) e considerando também a atuação em ações militares de apoio a segurança e calamidade públicas e desastres naturais, assim como o engajamento em missões de paz, conforme preconiza a PND/END (BRASIL, 2013a; 2013b), o Brasil deve estar preparado para o cumprimento da missão, frente aos novos desafios, seja em tempo de paz ou em tempo de guerra.

Diante dessa conjuntura, a Inteligência Cultural reveste-se de grande importância em todos os escalões envolvidos, uma vez que introduz a ideia de flexibilidade cultural, dentro da perspectiva defendida por Thomas e Inkson (2006), que concebem o desenvolvimento de habilidades que capacitem um indivíduo a lidar com realidades diversas. Então, o que vem a ser a Inteligência Cultural?

1.1 Inteligência Cultural

A Inteligência Cultural é definida por Thomas e Inkson (2006) como a capacidade adquirida por um indivíduo de ser hábil e flexível para assimilar uma determinada cultura, aprender mais sobre ela, inteirando-se com pessoas daquela origem e redefinindo, gradativamente, sua forma de pensar de modo a ser mais compreensivo com a cultura em questão. Como afirmam os autores, a prática da Inteligência Cultural facilita o reconhecimento das diferenças culturais, possibilitando ao indivíduo realizar uma abordagem consciente e adotar atitudes

que promovam as interações interculturais requeridas. Dito de outro modo, é saber lidar com pessoas de outros grupos étnicos, países e educação distintos, de modo a tornar viável a atuação em um ambiente multicultural.

Segundo Lopez (2013), para o alcance desse objetivo é necessário desenvolver “habilidades adaptativas”. A esse respeito, Thomas e Inkson (2006) ressaltam que essas habilidades levam um tempo para serem desenvolvidas, requerendo prática para que sejam obtidos resultados úteis, uma vez que demandam a compreensão da cultura dos interlocutores e a interpretação das suas ideias, dos seus atos e das suas intenções. Acrescentam, ainda, que esse tempo é essencial, sendo necessários anos de estudo, observação, reflexão e experimentação para que a prática seja adquirida. “Tornar-se culturalmente inteligente é, essencialmente, aprender fazendo, e isso traz resultados úteis, que vão além do desenvolvimento das habilidades interculturais” (THOMAS; INKSON, 2006, p. 9-10).

Assim entendendo, os autores explicam que, para desenvolver a Inteligência Cultural, o indivíduo tem que, primeiramente, estar atento para, em situações específicas, observar um comportamento, interpretá-lo e compreender seu significado. Depois, precisa adquirir conhecimento da cultura para compreender o fenômeno do intercâmbio cultural e, por fim, necessita adaptar sua conduta às situações diversas, de modo confiável.

Nesse sentido de treinamento e de aprendizagem pela experiência, Thomas e Inkson (2006) destacam algumas condições necessárias e intrínsecas aos indivíduos para o desenvolvimento da Inteligência Cultural. São elas a integridade, a franqueza (humildade e curiosidade) e a resistência. A integridade refere-se ao conhecimento de si mesmo, à essencialidade da inteligência. Os autores explicam que cada indivíduo é único em sua totalidade e que aquilo que pensa a respeito de si mesmo reflete em seu comportamento e nas suas interações com os outros. Acrescentam, ainda, que essa integridade faz com que o indivíduo não se sinta ameaçado por comportamentos e condutas contrárias à sua. Quando se pensa em integridade deve-se considerar a totalidade fisiológica, psicológica e espiritual do indivíduo e, nessa perspectiva, ela inclui a autonomia.

A franqueza, por sua vez, é entendida pelos autores como a característica do indivíduo que se mostra espontâneo e autêntico. Indivíduos possuidores de franqueza não são necessariamente tímidos ou simples, mas humildes e conscientes de que o seu olhar diante do entendimento pode apresentar-se falho. A franqueza pode ser tipificada como inquisitiva, ou seja, a curiosidade e o interesse em investigar o conhecimento e garantir o aprendizado sobre outras culturas. Não exercitar a franqueza pode diminuir as chances de um indivíduo interagir com outras pessoas, reduzindo, conseqüentemente, o desenvolvimento da Inteligência Cultural.

A última condição apontada por Thomas e Inkson (2006, p. 92) é a resistência, a qual definem como:

Força, coragem e destemor. Capacidade de sobreviver em condições desfavoráveis. Quando somos resistentes, podemos enfrentar o estresse, conseguimos nos recuperar de um grande choque e absorvemos uma eventualidade difícil, ou desgastante, como algo interessante e significativo, como uma chance de crescimento e aprendizado.

Os autores ratificam que o desenvolvimento da resistência se reveste de importância, principalmente durante esse percurso de aprendizado. Nessa perspectiva, a resistência do indivíduo é simbolizada pela força que ele precisa para transpor as dificuldades. Ainda afirmam que interagir com indivíduos de culturas diferentes, tanto dentro como fora de seu país de origem, engloba questionamento, tensão e sentimento e que o aperfeiçoamento da resistência deve ser enfatizado, uma vez que as repetidas interações com ambientes diversos são a condição para que o indivíduo se torne culturalmente inteligente.

Em síntese, Williams (2011) aponta as três principais habilidades abarcadas pela Inteligência Cultural: a busca por aquilo que ainda não é conhecido sobre a outra cultura, a confiança das pessoas que são parte da cultura e a adaptação do comportamento para conformá-lo aos valores da cultura em questão. Nesse sentido, ao analisar os aspectos operacionais e táticos de uma campanha de guerra irregular, Pinheiro (2007) destaca a importância do ambiente psicossocial para o sucesso das ações e seu entendimento vem reforçar a relevância das habilidades citadas por Williams (2011) ao afirmar que, “o conhecimento cultural e a habilidade para construir laços de confiança proporcionarão uma proteção da força mais efetiva do que qualquer colete blindado.” (PINHEIRO, 2007, p. 31).

Como resultado da importância do exercício de tais habilidades, de acordo com Depaula, Azzolinie Torres (2012), vem crescendo o treinamento de competências multiculturais nas academias militares, em especial na Formação de Fuzileiros Navais e Soldados do Exército dos Estados Unidos, os quais têm operado de forma contundente nas questões do Oriente-Médio, Ásia e África, por exemplo. A esse respeito, Scully (2004) argumenta que em relação a um contexto de conflito, conhecer o oponente, sua cultura e a sociedade em que vive, talvez seja mais importante que o conhecimento sobre a batalha propriamente dita.

Esse pensamento estratégico é defendido por Earley (2006) quando afirma que pensar estrategicamente, muito mais do que usar as informações obtidas a partir do conhecimento cultural, é interpretá-las e retirar delas algum aprendizado. Para o autor:

El pensamiento estratégico es un elemento básico de la inteligencia cultural, pues permite organizar la información y las experiencias con personas de una cultura diferente a la propia, y en situaciones y en lugares ajenos, en un conjunto

coherente. Pensamos estrategicamente quando colocamos circunstâncias e indivíduos em “esquemas culturais”, que nos permitem prever qual será o seu desenvolvimento mais provável (EARLEY, 2006, p.3).⁵⁸

Dessa forma, a preparação para a ação militar pressupõe não só o conhecimento das próprias capacidades e das táticas do oponente. Nas empreitadas atuais, o sucesso nas campanhas pressupõe também o estudo dos aspectos sociais e culturais, a exemplo de pesquisa desenvolvida por Depaula, Azzollini e Torres (2012), ao destacarem a Marinha americana que, após as operações no Afeganistão e no Iraque, verificou a carência de competências culturais por parte de comandantes e soldados, haja vista as elevadas perdas de vidas humanas e as inúmeras ações das forças de resistência à presença norte-americana no território ocupado. Segundo os autores, a partir de então, o Departamento de Defesa criou centros de treinamento, bem como programas de desenvolvimento de Inteligência Cultural para cadetes e oficiais, com a participação de cientistas sociais e instrutores militares, a fim de capacitá-los a analisar a área de atuação, seja em termos de população, cultura ou desenvolvimento econômico.

Delp (2008) também mostrou essa importância com a publicação de seu estudo sobre a “Inteligência Cultural: emprego de disciplinas em busca de informações estratégicas utilizadas para um planejamento diplomático e militar mais eficaz”, cujo objetivo foi definir Inteligência Etnográfica e Inteligência Cultural, aplicando seus conceitos aos conflitos atuais do Oriente Médio e discutindo, em profundidade, a utilização das referidas inteligências no Irã, antes do ataque militar ordenado pelos Estados Unidos da América (EUA). A investigação demonstrou como é possível atenuar as lutas no Oriente e em outras regiões não ocidentais do mundo, por meio de estratégia inovadora que emprega a coleta de informações culturais e técnicas, partindo da análise das identidades culturais das populações estrangeiras antes, durante e após a intervenção militar dos EUA.

O autor evidenciou que a ausência de conhecimentos sobre a cultura os quais auxiliassem a análise acerca do Iraque, deixou os soldados em situação de perigo, visto que a diferenciação entre simpatizantes e inimigos, considerando apenas características físicas e trajes utilizados, constituiu-se em uma tarefa muito difícil de ser solucionada. De suas considerações, concluiu que o conhecimento da cultura iraquiana não foi visto como fator crítico para o sucesso da missão que envolvia a conquista do terreno e a obtenção da paz. De acordo com Delp (2008),

58 O pensamento estratégico é um elemento básico da inteligência cultural, porque permite organizar a informação e as experiências com pessoas de uma cultura diferente da sua, e em situações e em lugares estranhos, em um conjunto coerente. Pensamos estrategicamente quando colocamos circunstâncias e indivíduos em “esquemas culturais”, que nos permitem prever qual será o seu desenvolvimento mais provável. (EARLEY, 2006, p.3).

posteriormente os altos oficiais militares, comandantes e decisores de Washington D.C reconheceram a importância das relações de Inteligência Cultural para o sucesso das operações.

Assim, para pensar sobre a capacitação militar e sobre a importância de se compreender a cultura e a dinâmica multicultural na contemporaneidade, é necessário refletir sobre a formação frente a essas diferentes demandas e sobre a sua adequação a esse novo cenário.

2 A INTELIGÊNCIA CULTURAL E A FORMAÇÃO MILITAR

A evolução dos conflitos das eras moderna e contemporânea refletiu a necessidade de adaptação ao cenário de combate, desde a incorporação de novas tecnologias até a influência do cenário multicultural decorrente da nova ordem mundial. Tudo isso impõe ao militar uma preparação alinhada às novas demandas, caracterizando como imperativa a constante atualização do ensino militar.

No âmbito da FAB, em relação à preparação do elemento humano, conforme cita o Plano Estratégico Militar da Aeronáutica (PEMAER) (BRASIL, 2010b. p.101-102), o militar “deve ser permanentemente preparado para que possa, num ambiente de constantes e rápidas transformações, entender a importância do seu trabalho, bem como estar qualificado.” Tais transformações, representadas não só pelos conflitos contemporâneos, mas também pela atuação em ações de paz e humanitárias, sugerem a adaptação e a implementação de novas táticas, bem como atenção aos efeitos humanitários decorrentes dessas ações, como explica Santos (2012). O autor reitera a necessidade de o soldado contemporâneo possuir habilidade suficiente para interagir com pessoas de culturas distintas no mesmo nível dos conhecimentos da doutrina militar.

A partir dessas ações, é possível perceber como o desenvolvimento das habilidades de Inteligência Cultural pode se mostrar ferramenta importante para a atuação militar, na medida em que os militares brasileiros, assim como de outras nações precisam ser hábeis nas interações junto às sociedades e aos órgãos do governo. Assim, refletir sobre a formação militar diante dessas novas demandas mostra-se essencial e, para exemplificar essa reflexão, cita-se Visacro (2012) ao analisar a aplicabilidade da Inteligência Cultural na defesa da Amazônia brasileira, focando a temática indígena. No estudo, o autor identificou a necessidade de incorporar o conhecimento etnográfico às capacidades técnico-profissionais dos soldados e de interagir com culturas autóctones⁵⁹, bem como a importância de que os comandantes promovam capacitação cultural a seus subordinados.

Nesse sentido, destaca-se o estudo de Miranda (2016), sobre “A implementação do ensino de Sociologia para os cadetes da Academia Militar das

59 Natural da região ou do território em que habita; nativo.

Agulhas Negras (AMAN)”. Nele, o autor discutiu o processo de capacitação dos futuros oficiais do Exército Brasileiro (EB) para atuarem no terreno humano, em meio às incertezas da pós-modernidade. O autor afirma que “o soldado do presente tem que ser ágil, flexível, elástico, sustentável, adaptado e inteligente (cognitivamente, emocionalmente e culturalmente) para fazer frente às incertezas contemporâneas” (MIRANDA, 2016, p. 4).

Considerando essa assertiva de Miranda (2016) acerca das habilidades cognitiva, emocional e cultural necessárias ao soldado do presente, é oportuno citar Earley e Ang (2003) quando afirmam que a metacognição é um dos aspectos a serem observados para o desenvolvimento da Inteligência Cultural, bem como fundamentar-se a partir das palavras de Beber, Da Silva e Bonfiglio (2014, p. 4) sobre a sua importância:

Quando o sujeito possui conhecimento de suas especialidades, eficácias e limitações, consegue ter mais clara a estratégia adequada para a realização de determinada tarefa e, por consequência, domina as ações que serão necessárias para serem colocadas em prática.

A inteligência emocional, também citada por Miranda (2016), é do mesmo modo necessária uma vez que, desenvolvida, possibilita ao militar criar para si motivações, persistir, ainda que em meio às dificuldades, e controlar impulsos e ansiedades. Logo, para o autor, o soldado deve ser inteligente culturalmente. Assim, parece fundamental aos militares aprenderem a lidar com diferentes pessoas ou grupos, de modo a tornar viável a atuação em um ambiente multicultural. Desse modo, para atuar na nova conjuntura militar passa a ser exigida das Forças Armadas “[...] mais ‘sensibilidade’ que potência e poder” (MIRANDA, 2016, p. 3).

A partir dessa percepção, segundo Miranda (2016), o EB reestruturou o currículo da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) e inseriu a Sociologia no rol das disciplinas acadêmicas por entender que essa sensibilidade sugere a “[...] capacidade de lidar eficazmente com questões sociais de desigualdade e diversidade, [...] agindo com inteligência cultural no trato com grupos, instituições e sociedades diversas [...]” (MIRANDA, 2016, p. 3). Partilhando desse entendimento, concorda-se com Calaza (2012) ao argumentar que, do mesmo modo que o estudo da história militar apresenta-se como ferramenta indispensável na constituição do pensamento militar, ser inteligente culturalmente torna-se fundamental nas ações militares contemporâneas, uma vez que, nessa perspectiva, a superioridade passa a ser garantida de outra forma que não a tradicional de combate.

Portanto, recorre-se aos estudos de Silva (2010) sobre o currículo para refletir sobre o que se espera, hoje, da formação dos militares, entendendo a Inteligência Cultural não como uma disciplina a ser incluída nos currículos dos CFO, mas como um

referencial para o desenvolvimento das habilidades interculturais. O autor explica que, para elaborar ou modificar o currículo, é necessário definir qual conhecimento deve ser ensinado, o que os alunos devem saber e se esse conhecimento é considerado essencial. Duas são, então, as questões centrais colocadas pelas teorias críticas e pós-críticas do currículo: o “que” e “por que” selecionar um conteúdo. Contreras Domingo (1994) complementa essa ideia explicando que para toda política curricular há um questionamento sobre que aprendizagem legítima os alunos devem realizar.

Para exemplificar a importância das indagações sobre o “que” selecionar e “por que” selecionar, cita-se a inserção do estudo sociológico no currículo da AMAN. Miranda (2016, p.3) explica que a seleção desse conhecimento é legítima na medida em que o EB a justifica pela necessidade de adequada “profissionalização para a ação oportuna diante de novas ameaças e tecnologias”. Em consoante, para Costa (2012a), o aprimoramento curricular e tecnológico, no contexto militar, influencia diretamente o seu desenvolvimento. Daí a necessidade de alterações socioculturais na capacitação militar.

A esse respeito, Costa (2012b), em suas considerações sobre “Multiculturalismo: ultrapassando o simples respeito à diversidade cultural para a compreensão do conceito acadêmico”, traz argumentos que reforçam a discussão:

[...] a educação multicultural parte da cultura institucional, neste caso a militar, para o desenvolvimento das competências necessárias à ambiguidade e complexidade do meio ambiente, hoje assolado por profundos conflitos, no qual os limites entre o sucesso e o fracasso dependerão da habilidade para lidar com as ameaças híbridas e hostis de atores estatais que têm confrontado os Estados Nações no século XXI (COSTA, 2012b, p.10-11).

De acordo com Depaula, Azzollini e Torres (2012, p. 2), grande parte das academias militares do mundo concebe a importância do desenvolvimento de certas qualidades na formação e na capacitação dos alunos, “[...] inclinándose para o desenvolvimento de habilidades multiculturais e habilidades que permitam o desempenho eficaz e integração sociocultural junto às comunidades em várias regiões do mundo. ” Essa ideia vai, também, ao encontro das considerações de Miranda (2016) sobre a inserção da Sociologia no currículo da AMAN.

Percebe-se, dessa forma, a importância de prover conhecimentos que os habilitem a lidar com universos culturais diferentes, bem como solucionar conflitos decorrentes dessas relações. Portanto, a investigação sobre as diversas culturas praticadas pelas sociedades são ferramentas necessárias ao desempenho

adequado dos indivíduos e, em especial neste artigo, ao desempenho dos militares em ações futuras (conflitos de quarta geração e demais situações decorrentes que ainda estejam por vir). Por meio do treinamento da Inteligência Cultural torna-se possível o reconhecimento das diferenças, assim como a abordagem e a tomada de decisão conscientes, de modo a tornar viável a atuação em um ambiente multicultural.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão do que se pretendeu discutir passa pela identificação da Inteligência Cultural como um referencial para o desenvolvimento de habilidades interculturais, tendo em vista que o conhecimento e a investigação sobre as diversas culturas praticadas pelas sociedades são ferramentas necessárias ao bom desempenho dos indivíduos e, em especial neste artigo, ao bom desempenho dos militares em ações futuras (conflitos de quarta geração e demais situações decorrentes que ainda estejam por vir). Com isto se quer dizer que sem o entendimento do ambiente cultural em que vai operar, o militar não será capaz de desempenhar a contento a sua função.

Considerando essa perspectiva, conclui-se, segundo Borum (2011, p. 36), que “nem mesmo a compreensão profunda da dinâmica cultural e da sociedade são suficientes para ganhar uma guerra, embora o deficiente entendimento dessas características seja relevante para perdê-la” (tradução nossa). Entretanto, essa não é uma tarefa fácil e aplicável em curto prazo de tempo e, para adquirir tais habilidades, se requer estudo, observação, reflexão e experimentação até que se adquira a prática.

Nesse contexto, para pensar a formação dos futuros oficiais tendo em mente o “que” se quer ensinar e o “por que”, deve-se considerar a educação multicultural, a interculturalidade e a Inteligência Cultural. Assim sendo, ser inteligente culturalmente desponta como uma ferramenta efetiva para que se faça mais uso da sensibilidade e menos uso da força e do poder pelos militares.

REFERÊNCIAS

BEBER, B.; Da SILVA, E.; BONFIGLIO, S. U. Metacognição como processo da aprendizagem. 2014. *Rev. Psicopedagogia*, 2014; 31(95): 144-51. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoped/v31n95/07.pdf>>. Acesso em: 11 maio 2017.

BORUM, R. Seven pillars of small war power. *Military Review*, p. 36, XCI(4), 2011. Disponível em: <https://works.bepress.com/randy_borum/50/>. Acesso em: 12 junho 2017.

BRASIL. Decreto Legislativo nº 373, de 25 de setembro de 2013. Aprova a Política Nacional de Defesa, a Estratégia Nacional de Defesa e o Livro Branco de Defesa Nacional, encaminhados ao Congresso Nacional pela Mensagem nº 83, de 2012 (Mensagem nº 323, de 17 de julho de 2012a, na origem). *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, 2013. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decleg/2013/decretolegislativo-373-25-setembro-2013-777085-publicacaooriginal-141221-pl.html>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

BRASIL. Comando da Aeronáutica. Estado-Maior da Aeronáutica. *PCA 11-47: plano estratégico militar da Aeronáutica 2010-2031*. Brasília, DF, 2010b.

CALAZA, C. P. Inteligência Cultural: Novos Parâmetros na Formação do Oficial ante a nova Geração de Conflitos. In: *Encontro Pedagógico do Ensino Superior Militar*. 4. 2012. Anais Eletrônicos, Rio de Janeiro: Escola Naval, 2012. Disponível em: <[Https://www1.mar.mil.br/en/sites/www1.mar.mil.br/en/files/upload/REVISTA_VILLEGAGNON_2012_suplemento.pdf](https://www1.mar.mil.br/en/sites/www1.mar.mil.br/en/files/upload/REVISTA_VILLEGAGNON_2012_suplemento.pdf)>. Acesso em: 20 nov. 2016.

CONTRERAS DOMINGO, J. *Enseñanza, currículum y profesorado: introducción crítica aladidáctica*. Madrid: Akal, 1994.

COSTA, R. P. Capacitação militar para o emprego na nova guerra. *Coleção Meira Mattos - Revista das Ciências Militares*, Rio de Janeiro, n. 26, nov. 2012a. ISSN 2316-4891. Disponível em: <<http://portal.eceme.ensino.eb.br/meiramattos/index.php/RMM/article/view/229/202>>. Acesso em: 16 set. 2017.

_____. Multiculturalismo: ultrapassando o simples respeito à diversidade cultural para a compreensão do conceito acadêmico. Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, ECEME, *Coleção Meira Mattos - Revista das Ciências Militares*, n. 25, 1º quadrimestre 2012b. Rio de Janeiro: BIBLIX, 2012. Disponível em: <<http://portal.eceme.eb.mil.br/meiramattos/index.php/RMM/article/view/126>> Acesso em: 30 out 2017.

DELP, T. B. Ethnographic Intelligence (ETHINT) and Cultural Intelligence (CULINT): Employing under-utilized strategic intelligence gathering disciplines for more effective diplomatic and military planning. Institute for Information and Technical Assurance. James Madison University: 2008. *Technical Paper 08-02*. Disponível em: <www.jmu.edu/iiaa/wm_library/CulturalIntelligenceTR08-02.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2016.

DEPAULA, P. D; AZZOLLINI, S.C; TORRES. J. A. Integración de predictor globales del rendimiento en estudiante de un instituto militar: desarrollos y aplicaciones de inteligencia cultural para la defesa. *Boletín de Psicología*. Buenos Aires, Argentina, No. 104, Marzo 2012. Disponível em: <<http://www.uv.es/seone/boletin/previos/N104htm>>. Acesso em: 8 set. 2016.

EARLEY, P. C. CQ. *Developing Cultural Intelligence at Work*. Editora: Stanford University Press. 2006. Disponível em: <<https://jonatanriosblog.files.wordpress.com/2016/12/inteligencia-cultural-en-el-trabajo.pdf>> Acesso em: 16 fev. 2017.

EARLEY, P. C.; ANG, S. *Cultural intelligence: individual interactions across cultures*. Stanford, Ca: Stanford University Press, 2003.

GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

LOPEZ, A. *Negociação e a inteligência cultural: o caso da cultura árabe*. São Paulo: Editora Biblioteca 24 horas, 2013.

MIRANDA, D. A. Implementação do Ensino de Sociologia para os cadetes da AMAN. In: *Encontro da Associação Brasileira de Estudos de Defesa (ENABED)*, 4. 2016. Anais Eletrônicos, Florianópolis, UFSC. Disponível em: <http://www.enabed2016.abedef.org/resources/anais/3/1465993318_ARQUIVO_artigoABED2016.pdf>. Acesso em: 14 dez. 2016.

PINHEIRO, A. S. de. *O Conflito de 4ª Geração e a Evolução da Guerra Irregular*. 2007. Disponível em: <<http://www.eceme.ensino.eb.br/meiramattos/index.php/RMM/article/view/258/227>>. Acesso em: 21 dez. 2016.

SANTOS, G. A. C. Emprego do Poder Militar na Atualidade e Cultura Organizacional das Instituições Militares. *IX SEGeT - Simpósio de Excelência e Gestão em Tecnologia*. 2012. Disponível em: <[Http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos12/62316781.pdf](http://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos12/62316781.pdf)> Acesso em: 21 abr. 2017.

SILVA, T. T. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

THOMAS, D. C.; INKSON, K. *Inteligência cultural: instrumentos para negócios globais*. Rio de Janeiro: Record, 2006.

WILLIAMS, R. *Cultura e materialismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

WUNDERLE, W. “Como Negociar no Oriente Médio”, *Military Review*, edição brasileira, set.-out., 2007. Disponível em: <<http://cgsc.cdmhost.com/cdm/ref/collection/p124201coll1/id/1104>>. Acesso em: 17 maio 2017.

VISACRO, A. Inteligência cultural - assunto impositivo na formação do militar moderno e fundamental no estudo de situação: uma abordagem da temática indígena na Amazônia. Coleção Meira Mattos, *Revista das Ciências Militares*, n. 25, 1º quadrimestre 2012, Rio de Janeiro: BIBLIEX, 2012.

Recebido em: 15 dez. 2017

Aceito em: 03 abr. 2018